

Flávio Bolsonaro desconhece o resultado eleitoral dos Estados Unidos e se autoproclama "líder do Brasil"

SE/Sergio Rivera

Miami, 28 de outubro de 2026. Flávio Bolsonaro, derrotado no segundo turno da eleição presidencial brasileira, publicou dos Estados Unidos uma carta aberta na qual se recusa a reconhecer a vitória de Lula, acusa sem provas a eleição de "fraude" e se autoproclama "líder do Brasil". A fuga ocorreu depois que o Supremo Tribunal Federal lhe ordenou a entrega do passaporte no âmbito de uma investigação por lavagem de dinheiro, e contou com a facilitação do governo argentino de Javier Milei em coordenação com a administração de Donald Trump. Por trás do episódio há uma leitura estratégica: a vitória de Lula frustrou a peça mais importante da "Doutrina Donroe" de Trump na América Latina.

Para ler o que segue, convém distinguir três níveis: as acusações factuais, os procedimentos judiciais e as conclusões judiciais. As inferências sobre a estratégia de Trump são do autor e se apoiam na experiência histórica da política dos Estados Unidos em relação à região; são apresentadas como tais, não como fatos estabelecidos.

I. Por que o Brasil é insubstituível na "Doutrina Donroe"

A lógica central da "Doutrina Donroe" é restaurar a dominação hemisférica dos Estados Unidos no hemisfério ocidental, excluindo especificamente a influência da China e da Rússia. Nessa estratégia, o Brasil não é "mais um país", mas a peça mais importante:

- **Escala econômica e recursos:** o Brasil é a maior economia da América Latina e detém a segunda maior reserva mundial de terras raras (depois da China), além de ser um fornecedor-chave de minerais estratégicos para semicondutores, energias renováveis e defesa. A administração Trump esperava obter acesso preferencial a esses recursos por meio de um governo brasileiro alinhado.
- **Contenção da China:** a China já é o maior parceiro comercial do Brasil, com um volume de exportações aproximadamente três vezes maior que o dos Estados Unidos. Se o Brasil sob Lula continuar aprofundando sua cooperação com os BRICS e com a China, os Estados Unidos perdem um ponto de apoio crucial na competição por influência na América do Sul.
- **Efeito de demonstração regional:** no início de 2026, os Estados Unidos já haviam tomado ações militares diretas contra a Venezuela, capturando Maduro, o que mostrou que a "Doutrina Donroe" não é retórica. Se o Brasil também pudesse ser incorporado ao "Escudo das Américas" liderado por Washington, a posição dominante dos Estados Unidos no hemisfério ocidental se consolidaria significativamente. A vitória de Lula significa que esse objetivo não pode ser alcançado nos próximos quatro anos.

Por isso, a ideia de que "perder o Brasil não é papel molhado" está em linha com os fatos. Segundo a análise da BBC, que cita especialistas da Chatham House, Trump considerava o Brasil "o décimo e maior troféu" após a vitória de Flávio no primeiro turno. Agora esse troféu escapou.



II. A situação real da "intervenção da Meta": acusações e procedimentos, mas sem conclusão judicial

Esta parte exige uma distinção cuidadosa de níveis, para que a suspeita não se converta em fato estabelecido.

Fatos confirmados:

- A campanha de Lula apresentou denúncia ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), acusando a Meta de restringir a difusão de conteúdo relacionado a Lula enquanto favorecia o conteúdo de Flávio.
- O TSE ordenou que a Meta garantisse tratamento igualitário aos dois candidatos em 24 horas, sob pena de multa diária de 500 mil reais.
- O chatbot de IA da Meta de fato se recusou a gerar imagens de campanha com "Lula", "PT" e "13", mas gerou conteúdo com "Flávio", "PL" e "22".
- O jornal brasileiro *Folha de S.Paulo* citou "comunicações internas" segundo as quais funcionários da Meta discutiram restrições à conta de Instagram de Lula, enquanto o algoritmo recomendava a conta de Flávio. A campanha de Lula afirmou que cerca de 1,3 milhão de pessoas não puderam ver seus anúncios por causa de restrições.
- A ONG CTRL+Z reuniu mais de mil casos de "restrições e bloqueios" nas plataformas da Meta, dos quais "90% eram conteúdo favorável a Lula ou de tendência progressista".

A versão da Meta:

- A Meta nega "escolher lado" nas eleições brasileiras ou em qualquer eleição, e qualifica as acusações de "falsas e infundadas".
- Atribui os problemas a "falhas técnicas", incluindo um erro de identificação do sistema que bloqueou a conta publicitária de Lula por mais de uma hora em 23 de setembro.
- Afirma ter implementado um mecanismo de revisão manual: qualquer bloqueio automático ou restrição de contas publicitárias de campanha presidencial deve ser avaliado manualmente em até duas horas.

A posição judicial:

O juiz do TSE Marco Aurélio Bellizze declarou explicitamente que "atualmente não há evidências suficientes para determinar que a Meta manipulou intencionalmente a distribuição de conteúdo" para favorecer ou prejudicar qualquer candidato, embora tenha considerado necessário estabelecer um mecanismo de proteção para preservar a equidade eleitoral.

Portanto, a "manipulação eleitoral pela Meta" é uma acusação crível e com indícios — as imagens de IA são particularmente concretas —, mas ainda não é uma conclusão legal. No artigo, pode ser usada como "evidência de suspeita", não como "fato estabelecido".

III. A hipótese do "segundo Guaidó"

A especulação tem lógica interna, mas exige distinguir entre intenção e capacidade.

Elementos que a sustentam:

- Trump qualificou as eleições brasileiras de "manipuladas" (*rigged*) após a vitória de Lula, dizendo que "pareciam muito corruptas". Isso fornece respaldo narrativo à autoproclamação de Flávio como "líder legítimo".
- O próprio Flávio se comparou a Guaidó, Edmundo González e María Corina Machado em sua carta, apresentando-os como "líderes legítimos" que enfrentavam uma "tirania".
- A nomeação de Guaidó na Venezuela em 2019 estabeleceu um precedente: os Estados Unidos podem tentar deslegitimar resultados eleitorais criando uma "presidência paralela" e pressionando o governo existente.

Elementos que a enfraquecem:

- **O partido de Flávio não o apoiou.** O Partido Liberal (PL) já reconheceu os resultados eleitorais. O líder do PL no Senado, Rogério Marinho, declarou explicitamente: "O Partido Liberal não pode fazer essa afirmação (fraude eleitoral). Não há evidências."
- **Trump não se comprometeu.** Questionado se tomaria medidas, respondeu: "Não concorro no Brasil, concorro nos Estados Unidos." Também disse: "Gosto de Lula, me dou muito bem com ele." É uma posição evasiva, não um apoio absoluto a Flávio.
- **A situação de Guaidó não é replicável.** A "presidência interina" de Guaidó foi reconhecida por dezenas de países, e a Venezuela atravessava então uma grave crise de legitimidade governamental. O Brasil não tem esse vácuo: a legitimidade de seu processo eleitoral foi reconhecida por observadores internacionais, o partido de Flávio reconheceu os resultados e Lula assumirá oficialmente seu quarto mandato. Um "governo no exílio" sem reconhecimento interno nem externo não tem base operacional.

Uma inferência mais razoável é que o que Trump quer não é necessariamente um "Guaidó", mas manter Flávio como ponto de apoio da oposição, exercendo pressão contínua sobre Lula em temas comerciais, de terras raras e tecnológicos (como o sistema de pagamentos Pix). Deixar Flávio se autoproclamar "líder" tem custo mínimo para Trump, mas pode criar um ponto de atrito nas relações entre Estados Unidos e Brasil. Se isso se tornará um "Guaidó" depende de Trump estar disposto a pagar o custo diplomático de reconhecer um "presidente paralelo"; por ora, sua disposição parece limitada, embora com Trump nunca se saiba.

IV. A frente argentina: Milei como facilitador, não como espectador

1. Milei não foi um espectador passivo, mas um facilitador ativo. Segundo reportagens de

veículos argentinos, o governo Milei coordenou em segredo com a administração Trump a saída de Flávio por território argentino. Um funcionário argentino declarou: "Milei estava ciente, o restante não. Ele trabalhou em coordenação com Trump." O assessor presidencial Santiago Caputo estava presente em Puerto Iguazú na noite da decolagem, um dado que os veículos argentinos interpretam como confirmação do envolvimento governamental. O advogado mexicano Simón Levy, próximo à família Bolsonaro, afirmou: "Graças ao presidente Milei, Flávio Bolsonaro está vivo hoje... Ele esteve e faz parte da coordenação de toda essa operação."

2. A fuga aprofunda uma crise diplomática que já existia. A relação Lula-Milei já estava deteriorada desde agosto, quando Milei chamou Lula de "ladrão e presidiário" e o ministro Alexandre de Moraes de "lixo careca". O Brasil reagiu chamando seu embaixador para consultas e não enviou o seu a Buenos Aires, suspendendo de fato o canal diplomático normal. A fuga de Flávio pela Argentina agrava esse quadro. O governo Lula reagiu com extrema cautela: uma fonte governamental brasileira disse que "por enquanto estamos focados apenas em investigar o que aconteceu", e Lula limitou-se a ironizar que, para a família Bolsonaro, "o Brasil é seu segundo país, o primeiro são os Estados Unidos".

3. O silêncio argentino sobre a vitória de Lula é parte do mesmo padrão. O porta-voz presidencial argentino, Adrián Ravier, anunciou que a Argentina não emitiria qualquer comunicado parabenizando Lula, argumentando falsamente que Lula não havia parabenizado Milei em 2023. Esse gesto, somado à facilitação da fuga, confirma que Milei alinhou sua política em relação ao Brasil à estratégia de Trump.



V. Resumo

Na perspectiva da "Doutrina Donroe", a vitória de Lula significa que os Estados Unidos perderam a peça mais importante na competição por influência na América Latina. A intervenção da Meta foi acusada e julgada, mas o tribunal brasileiro finalmente determinou que "não há evidências suficientes para determinar manipulação intencional", e era previsível que a Meta o negasse.

A autoproclamação de Flávio como "líder legítimo" e sua comparação com Guaidó fazem parte da estratégia de Trump para manter pressão sobre Lula, mas o reconhecimento dos resultados pelo PL e a posição evasiva de Trump indicam que um "segundo Guaidó" carece atualmente de condições operacionais. Trump pode estar mais inclinado a usar Flávio como ponto de apoio da oposição e carta de negociação, em vez de apostar em um "governo paralelo" de baixo retorno.

Resta saber se esta derrota no Brasil é um revés tático ou o início de um recuo da Doutrina Donroe; as próximas eleições na região serão o termômetro.

Nota: As informações acima se baseiam em reportagens de vários veículos (EFE, RTVE, Xinhua, AFP etc.) sobre os acontecimentos de 27 e 28 de outubro de 2026. As citações textuais da carta de Flávio provêm de sua publicação na plataforma X, reproduzidas por diversos veículos. As inferências sobre a estratégia de Trump são do autor e se apoiam na experiência histórica da política dos Estados Unidos em relação à América Latina.

Press information and contact:
Südaka Editorial
Web: www.sudaka-editorial.com
Email: info@sudaka-editorial.com

